

Editorial

editorial

O terceiro número de *História da Historiografia* apresenta algumas das possibilidades mais fecundas de abordagem de um campo disciplinar cuja busca de autonomia não implica insulamento, mas, antes, experimentação.

Entre os **artigos**, o leitor poderá verificar como a história da historiografia precisa pensar a estrutura da linguagem, algo vivamente debatido no artigo de Hans Ulrich Gumbrecht, a quem aproveitamos, aliás, para agradecer pela generosa cessão do texto. Em suas reflexões, Gumbrecht demonstra mais uma vez como não é mais possível para o historiador ignorar a contribuição da filosofia de Martin Heidegger, sobretudo, o que implica para a história o conceito de presença.

A história da historiografia também é um laboratório de análise conceitual, como vemos nos trabalhos de João Paulo Pimenta sobre o emprego da categoria de Revolução na historiografia sobre a Independência brasileira e de Everton Grein sobre o conceito de transição na Antigüidade tardia.

E não fica por aí. A vocação crítica e reflexiva do campo também se faz presente nos trabalhos de Ítala Byanca da Silva sobre a construção da imagem de Capistrano de Abreu feita por José Honório Rodrigues e na contribuição de Leandro Hurst e Andréa Frazão sobre a Reforma Gregoriana. E, claro, a reflexão sobre seus limites implica, sempre, a consideração de outras possibilidades de expressão, como podemos ver nos estudos de Cássio Fernandes sobre a importância da biografia, autobiografia e crônica historiográfica renascentista; e nas ponderações de Pedro Telles da Silveira sobre os aspectos ficcionais da "Crônica do Descobrimento do Brasil", de Varnhagen.

Neste novo número, *História da Historiografia* aposta com mais veemência na exploração de um veículo de discussão e reflexão cada vez mais requisitado: **as resenhas**. Poucas são as formas de se realizar um debate efetivo no campo, e abrir tal espaço de interlocução é, para os editores, um genuíno prazer. Desta feita, os colaboradores da revista oferecem, nada mais, nada menos, do que oito livros postos em debate e discussão para o conhecimento do público interessado. Há para todos os gostos: um trabalho a seis mãos de Georg Iggers, Edward Wang e Supriya Mukherjee, analisado por Jurandir Malerba; dois estudos sobre a concepção de história na antiguidade (o clássico de Luciano de Samósata e a obra de Maria Aparecida de Oliveira Silva sobre Plutarco, respectivamente resenhadas por Henrique Estrada e Luiz Otávio de Magalhães); duas obras sobre paradigmas historiográficos modernos ("Dinâmica do Historicismo", coletânea organizada pelos pesquisadores do NEHM/UFOP e analisada por Arthur Assis, e "Um iluminismo português", obra de Flávio Rey de Carvalho apresentada por Ana Rosa Clochet da Silva); duas compilações argentinas sobre história regional e provincial, cujas resenhas foram assinadas por Leonardo Simonetta e Horacio Miguel Hernán Zapata, algo que permite um melhor conhecimento de uma historiografia vizinha, porém ainda infelizmente ignorada entre nós; e uma obra sobre o IHGB, que sempre merece destaque aqui na *História da Historiografia*, agora com a resenha assinada por Hugo Hruby do livro de Lucia Guimarães, "Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)".

Aliás, com a Prof^a. Lucia Guimarães inauguramos uma nova seção da nossa revista: a de **entrevistas**. Nenhuma área do conhecimento é feita descolada das motivações intelectuais, da trajetória dos pesquisadores que a fizeram lenta e pacientemente ao longo do tempo. Esperamos que a entrevista, feita por Valdeci Araujo, seja apenas a primeira de uma série que testemunhará a própria história das pesquisas teóricas e historiográficas no Brasil, construindo, assim, a memória de nosso campo.

Por fim, já que falamos de tradição e de novos espaços da revista, damos continuidade no terceiro número a uma iniciativa nascida no número anterior, qual seja, a de apresentar **documentos comentados**. Desta vez, o leitor terá acesso ao importante Programa historiográfico da Academia Real Portuguesa, de 1720, publicado por Taíse Tatiana Quadros da Silva.

Esperamos, com isso, que mais uma contribuição tenha sido feita para a investigação das reflexões do historiador sobre seu trabalho. Boa leitura!